

Um drama no Hospital do Gama

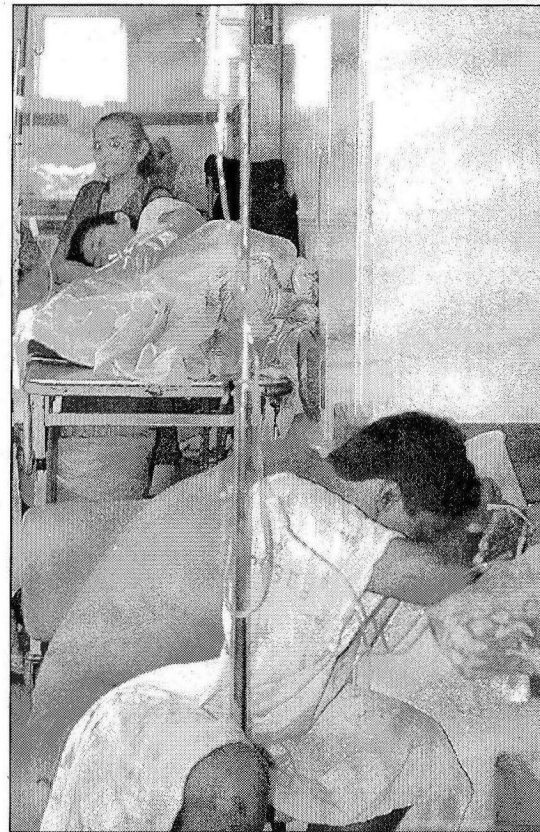
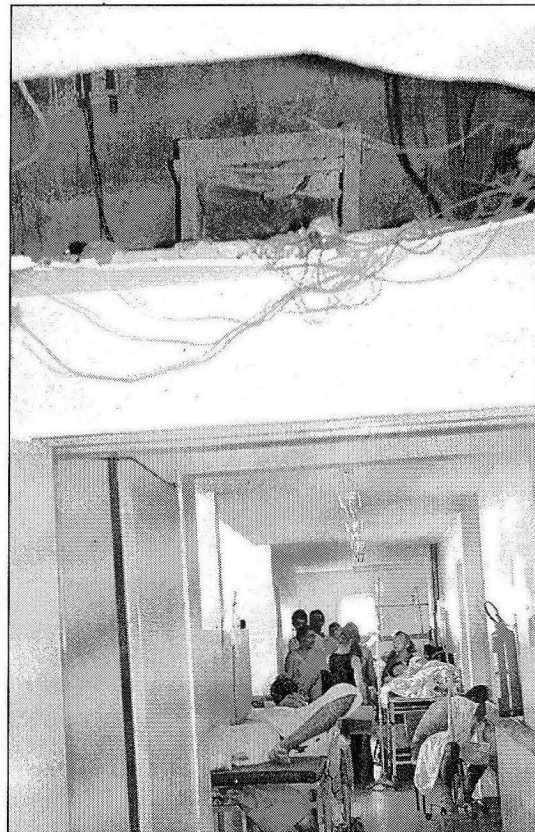
FOTOS: TONY WINSTON

No leito nº 5 da Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do Hospital Regional do Gama (HRG), um paciente com Aids espera há dois dias para ter o pulmão aspirado. Ao lado, o enfermeiro Daniel Oliveira revisa mais uma vez os armários da unidade, à procura do equipamento que lhe dá segurança para tratar o doente. Novamente, a busca é em vão. "É um absurdo não podermos cuidar de um paciente por falta de materiais básicos, como máscara e luvas", protesta, desolado.

O desespero do funcionário foi presenciado pela reportagem do **Jornal de Brasília** em 21 de novembro, quando a crise de abastecimento da rede hospitalar estava em seu auge. Quem pensa que a situação mudou, entretanto, está enganado.

Mesmo tentando enfrentar com recursos próprios a falta de medicamentos, causada por mais um erro de projeção da Secretaria de Saúde, de acordo com a diretoria do hospital, o HRG continua em uma situação delicada e requer atenção. Além da insuficiência de materiais nos últimos meses, é comum faltarem roupas de cama e o antigo mobiliário estar quebrado.

Na Clínica Médica e no pronto-socorro, não há ventilação. O calor é tanto que muitos doentes preferem ficar sentados nas macas ou em pé ao lado delas. Na Sala de Observação, além da pouca ventilação, os pacientes têm de suportar cadeiras de alvenaria apertadas e



NO HOSPITAL do Gama, problemas nas instalações se confundem com a falta de leitos

desconfortáveis. Lá, doentes com as mais variadas enfermidades são colocados uns ao lado dos outros por até 12 horas, enquanto são diagnosticados.

Para a auxiliar de enfermagem Elisângela Silva, que trabalha no HRG há oito meses, todos esses problemas aumentam – e muito – o risco de infecção hospitalar. "Às vezes, até o banho dos doentes é dificultado, já que as cadeiras de banho quebradas demoram a ser repostas", conta.

Os funcionários se esforçam para compensar as falhas. Apesar da estrutura debilitada, a equipe do HRG

conquistou no último ano o Prêmio de Qualidade Hospitalar 2001, com o melhor atendimento da rede pública do Distrito Federal, e fez do centro uma referência para uma população bem maior do que a que deveria ser atendida.

Preparado para os cerca de 135 mil habitantes do Gama, a unidade tornou-se a melhor opção para cerca de 800 mil brasileiros de diversos municípios do Entorno e de Estados vizinhos, como Goiás, Bahia e Minas Gerais, segundo a direção do HRG. Resultado: a estrutura está sobrecarregada.

Para se ter uma idéia, de

acordo com o vice-diretor do hospital, Sérgio Miyazake, entre os 1,2 mil atendimentos diários realizados apenas no pronto-socorro (PS) do HRG, mais de 50% dos pacientes vêm de cidades do Entorno. "Somos a última fronteira hospitalar do DF. Tem época em que os sete leitos da UTI estão ocupados apenas por doentes de fora do Gama", justifica.

O vice-diretor acredita que esta é, na verdade, a maior dificuldade do hospital, que apresenta sempre o PS lotado, filas para atendimento ambulatorial e uma espera infundável para se conseguir uma cirurgia.